

MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO ARTIGO COMPLETO – (FONTE 14)

Gabriella Rodrigues de Lima Souza¹
Simara Regiane Pereira Oechsler²
Simone Riske-Koch³
Katilene Wilms Labes⁴

RESUMO

Este relato, fruto da experiência no estágio obrigatório IV do curso de Ciências da Religião da FURB, realizado na biblioteca da EBM Alberto Stein, em Blumenau-SC, objetiva compartilhar o projeto desenvolvido no estágio em Ensino Religioso. Este estágio desafiou os estudantes a construir projetos de intervenção para ambientes não formais de aprendizagem, focando na temática da diversidade e interculturalidade e na ampliação do repertório de conhecimento dos estudantes. A metodologia do estágio envolveu a observação participante das atividades realizadas na biblioteca, diálogos com a professora que atua na biblioteca e com as professoras de estágio da universidade, construção coletiva e aplicação de um projeto de intervenção. Esse projeto consistiu em práticas educativas desenvolvidas a partir da obra literária "A Caixa de Jéssica" de Peter Carnavas (2010), para abordar a temática diversidade e interculturalidade. O referencial teórico abrange autores, que discutem a interculturalidade a partir da construção de relações de respeito para com as mais diversas manifestações religiosas, culturais e modos de viver (Riske-Koch, Oliveira, Pozzer, 2017), criando um ambiente para a formação integral dos estudantes (Silva, Santos, 2021), a importância de trabalhar a diversidade para fortalecer a autoestima e o respeito às diferenças (Hall, 2003) e a respeito do potencial dos espaços não formais de aprendizagem (Moreira, Oliveira, 2022; Campello, Silva, 2000), além do Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau (2021). A experiência de estágio demonstrou que a biblioteca, como espaço não formal de aprendizagem, proporciona um ambiente diverso, dialogal e dinâmico com potencial para contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes. Ao abordar a diversidade e a interculturalidade, o projeto de intervenção contribuiu para o desenvolvimento profissional docente (Garcia, 2009) das estagiárias e a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas identidades e do mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Práticas Educativas, Estágio obrigatório, Interculturalidade, Espaço não formal, Ensino Religioso.

INTRODUÇÃO

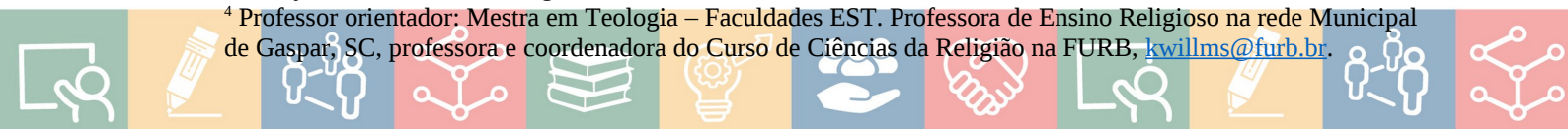
Este relato de experiência foi escrito a partir da realização do estágio obrigatório IV do curso de Ciências da Religião, da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e teve como campo de atuação espaços não formais de aprendizagem, que podem ser diversos como

¹ Graduanda do Curso de Ciências da Religião da Universidade Regional de Blumenau - FURB, grlsouza@furb.br;

² Graduanda do Curso de Ciências da Religião da Universidade Regional de Blumenau - FURB srpoechsler@furb.br;

³ Doutora em Desenvolvimento Regional PPGDR/FURB. Professora na graduação e Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau – PPGE/FURB, srkoch@furb.br;

⁴ Professor orientador: Mestra em Teologia – Faculdades EST. Professora de Ensino Religioso na rede Municipal de Gaspar, SC, professora e coordenadora do Curso de Ciências da Religião na FURB, kwillms@furb.br.



bibliotecas, museus, zoológicos, clubes de leituras e ciências, comunidades religiosas, entre outros. Trataremos aqui do estágio realizado na biblioteca da Escola Básica Municipal Alberto Stein vinculado à Secretaria Municipal de educação de Blumenau-SC, que tem como prática um trabalho interdisciplinar, para ampliação de repertório de conhecimento dos estudantes através da leitura, debates, reflexões e contação de histórias.

O estágio realizado em espaço não formal proporciona uma aprendizagem ampla e consistente que contribui na construção da identidade docente e discente, provocando e impulsionando à reflexão a partir de realidades distintas. Ambientes não formais de aprendizagem permitem o contato com práticas educativas que auxiliam no desenvolvimento acadêmico e profissional a partir de contextos e desafios diferentes dos proporcionados em salas de aula convencionais (Moreira; Oliveira, 2022).

O Curso de Ciências da Religião tem por objetivo preparar profissionais, capazes de compreender o fenômeno religioso enquanto expressão humana, cultural e histórica, capacitando os discentes para compartilhar os saberes adquiridos, contribuindo para a formação de uma sociedade que reconheça a alteridade, a diversidade e a interculturalidade a partir da construção de relações de respeito para com as mais diversas manifestações religiosas, culturais e de modos de viver (Koch; Oliveira; Pozzer, 2017). Ao realizar o estágio em uma biblioteca promovemos esses objetivos e trazemos o foco para formas diversificadas de aprendizagem, onde podem ser exploradas a curiosidade, e o protagonismo discente.

A informalidade estimula os estudantes a sentirem-se mais à vontade, aumentando o engajamento com a proposta e a participação ativa, independentemente da faixa etária. Propostas bem desenvolvidas podem criar memórias que contribuirão significativamente para o processo formativo de pessoas das mais variadas idades e grupos de interesse. Cabe ao professor estar atento ao interesse dos estudantes e trazer à tona suas ideias e propostas no momento do planejamento para que seja uma experiência rica e intencional, com trocas significativas para todos os envolvidos no processo de aprendizagem.

A biblioteca desempenha papel fundamental para ampliar o universo do conhecimento de outras realidades na vida do estudante e conscientizar a respeito da amplitude do mundo em que vivem contribuindo na formação de pessoas cidadãs que respeitem ao próximo independentemente das diferenças existentes. Para Campello e Silva (2000) a biblioteca é considerada um ambiente de aprendizado que complementa a sala de aula, oferecendo não apenas oportunidades para aprimorar habilidades no uso eficiente da informação, mas também para desenvolver a socialização, o compartilhamento de conhecimentos e a construção de preferências pessoais.



O Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau (2021) valoriza a formação do leitor proeficiente, para isso um dos objetivos é o incentivo à busca por leituras de interesse do estudante no intuito de proporcionar outras experiências, em complementaridade às experiências pessoais e vivenciadas em salas de aula formais. Dessa maneira, o/a professor/a irá estimular a curiosidade dos estudantes dando indicações de leituras, mas o estudante poderá escolher o texto de sua preferência, o currículo também defende a biblioteca como possibilidade metodológica citando-a como um espaço de aprendizado, levando em conta o percurso do estudante, suas potencialidades, o saber histórico e socialmente construído, o meio em que está inserido e a sistematização do conhecimento (Blumenau, 2021).

A temática de intervenção definida foi a Diversidade e Interculturalidade, que surgiu com base na conversa inicial com a professora supervisora que atua na biblioteca, de maneira a complementar temas anteriores já trabalhados, desta maneira foi dado continuidade no projeto já iniciado.

Educar para a Interculturalidade e diversidade contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre as diferenças culturais, sociais e individuais que compõem a sociedade. A educação que valoriza a diversidade e promove a inclusão e o respeito às diversas formas de ser e viver, preparando os estudantes para atuarem em um mundo globalizado e plural. Freire (1996) aponta o papel da educação na conscientização e capacitação para a realidade. Ao abordar a interculturalidade e diversidade é possível promover o desenvolvimento de uma cidadania crítica, na qual os estudantes não apenas reconheçam as diferenças culturais, mas também compreendam suas origens históricas e estruturais, interagindo e se comprometendo com elas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do estágio baseou-se nas observações das aulas de biblioteca ofertada na EBM Alberto Stein e a criação de um plano de intervenção.

O planejamento foi feito em conjunto entre as acadêmicas Gabriella Rodrigues de Lima Souza e Simara Oechsler, coautora desse relato de experiência e que também atuou no projeto. Foram quatro dias de intervenção, considerando que um desses dias foi dedicado a observação e diálogo com a professora supervisora da biblioteca, com o objetivo de alinharmos e definirmos a temática de intervenção e escolha da obra literária para utilizar no



planejamento, um dia para observação para podermos nos inteirar da metodologia utilizada pela professora supervisora e dois dias foram utilizados para a aplicação do projeto de intervenção.

É relevante pontuar que a biblioteca e o formato de atendimento ofertado no espaço era conhecido das acadêmicas. Uma delas havia sido bolsista do PIBID nessa mesma escola e a outra conhecia o projeto por serem do mesmo grupo de pibidianas. Portanto o contato inicial com a biblioteca já havia ocorrido antes do desenvolvimento do aqui relatado projeto de intervenção, o que serviu também como impulsionador para a realização do estágio neste espaço. A biblioteca mantém, ainda, alguns projetos literários com o propósito de incentivar e disseminar o gosto pela leitura, aguçando a curiosidade, a criatividade e a imaginação. Possibilita, assim, a formação de leitores autônomos, intelectuais e críticos, visto que a interação com o outro e com o mundo é uma das formas de estimular o desenvolvimento humano.

Para esse projeto de intervenção foi selecionada a obra literária de literatura infantil ‘A caixa de Jéssica’ (2010) do autor Peter Carnavas, que conta a história de uma menina chamada Jéssica que está muito ansiosa para o seu primeiro dia em uma nova escola. Preocupada em fazer amigos, ela decide levar uma caixa com alguns objetos que ela acredita que possam ajudá-la nessa tarefa.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos da premissa que o componente curricular de ensino religioso, tem como seus objetivos, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, proporcionar uma compreensão crítica e reflexiva sobre a diversidade de manifestações religiosas e seus impactos na cultura e na sociedade incluindo o respeito a diversidade religiosa, a compreensão do fenômeno religioso, a formação ética, a reflexão crítica e o autoconhecimento e identidade (Brasil, 1997). Dentro do Currículo da Educação Básica do Sistema de Ensino de Blumenau, assim como no Currículo Base do Território Catarinense (CBTC) também encontramos esses mesmos objetivos que estão comprometidos com o Ensino Religioso não confessional, respeitando a laicidade do Estado e garantindo que o ensino público seja inclusivo e respeite todas as crenças e convicções (Blumenau, 2021). Essa abordagem busca desenvolver nos alunos a capacidade de refletir criticamente sobre o fenômeno religioso e suas implicações sociais e culturais.



Além disso, o CBTC reforça a necessidade de os educadores estarem preparados para lidar com a pluralidade religiosa, promovendo práticas pedagógicas que valorizem o respeito às diferentes crenças e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O estágio em espaço não formal está alinhado ao regulamento de estágios do curso de Ciências da Religião, e tem por finalidade preparar o futuro professor, inserindo-o no dia a dia da escola e desenvolvendo suas habilidades de observação, planejamento, avaliação e prática docente. O estágio busca também construir uma base teórica sólida para analisar o contexto escolar e reconhecer as particularidades do ensino religioso em diferentes ambientes educacionais.

Sobre a educação em espaços não formais Moreira e Oliveira (2022) serviram com aporte teórico pois defendem que a educação não formal, realizada em locais como comunidades e empresas, visa o desenvolvimento pessoal e social do cidadão por meio de projetos educativos. Neste sentido, compreendemos que a prática educativa desenvolvida na biblioteca da EBM Alberto Stein está alinhada com o desenvolvimento pessoal e social assim como está também alinhada com os objetivos do Ensino Religioso.

Os autores também afirmam que:

A prática pedagógica nos espaços não escolares tem como finalidade direcionar conhecimentos e saberes na prática social. O espaço não escolar vai muito além dos muros de uma escola, ele está ligado a grupos culturais, hospitais, associação religiosa filantrópica e espaços de ressocialização (Moreira; Oliveira, 2022, pág. 3).

Também nos referenciamos dos autores Koch e Wickert (s/d) que discutem a Interculturalidade como um exercício constante de abertura e do inacabamento humano, ou seja, é um diálogo constante e permanente entre os diferentes núcleos. Em direção semelhante, Hall (2003) defende que trabalhar a Diversidade permite aos estudantes reconhecerem e valorizarem suas próprias identidades e, ao mesmo tempo, respeitarem e aprenderem com as diferenças dos outros. Isso é fundamental para fortalecer sua autoestima, especialmente daqueles que pertencem a grupos historicamente marginalizados, como povos indígenas, afrodescendentes e imigrantes.

Koch e Wickert (s/d, pág. 8) acrescentam que:

A diversidade, longe de constituir um entrave ao desenvolvimento e ao progresso das culturas, ou seja, de cada uma das culturas, de cada indivíduo, hoje é encarada como exigência profunda de consciência e de respeito pelo outro, seja qual for a sua cultura, idade, sexo, etnia, riqueza ou religião.



O currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau (2021), coloca grande ênfase na valorização da interculturalidade e da diversidade, alinhando-se a BNCC (Brasil, 2017) e ao CBTC (SC, 2019), buscando promover um ambiente educativo inclusivo e plural. Um dos seus princípios fundamentais é a valorização das diferentes culturas, identidades e singularidades, respeitando as particularidades históricas e culturais da região e dos estudantes (Blumenau, 2021). O currículo defende que a educação deve ser um espaço de construção de identidade e cultura, permitindo que os estudantes desenvolvam sua autonomia, responsabilidade e consciência crítica. Isso inclui promover o respeito mútuo e a solidariedade, além de integrar a diversidade de manifestações artísticas e culturais no ensino. O documento destaca que os estudantes precisam se apropriar de bens culturais, assegurando que a escola seja um espaço inclusivo, que promova a diversidade de interações e experiências.

Na prática, isso significa que o currículo de Blumenau incentiva abordagens pedagógicas que contemplem a inclusão de múltiplas perspectivas culturais e linguísticas, valorizando o contexto regional (incluindo a influência da cultura alemã, por exemplo), mas também promovendo a integração com outras culturas e formas de expressão. Ao mesmo tempo, o currículo fomenta um ambiente escolar onde as diferenças são reconhecidas e celebradas como parte do processo de humanização e desenvolvimento dos estudantes.

Outros autores citados no projeto de intervenção são Silva e Santos (2021), para os quais trabalhar Diversidade e Interculturalidade em espaços não formais de educação nos permite criar um ambiente para a formação integral dos estudantes. Esses ambientes proporcionam vivências que complementam o aprendizado acadêmico, ampliando a visão do educador sobre as múltiplas possibilidades de ensino e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estágio foi dividido em três etapas, que são as etapas básicas comuns aos modelos de estágios obrigatórios em licenciaturas, uma visita de reconhecimento onde foi possível ter uma conversa inicial com as professoras responsáveis pela biblioteca da EBM Alberto Stein. Nessa conversa falou-se sobre os objetivos do programa nas escolas da rede Municipal de ensino que é o incentivo a leitura e também a problematização e diálogo de temas contundentes ao cotidiano escolar e social o que possibilita aos estudantes exporem seus questionamentos e posicionamentos frente a diversas realidades e ao contexto em que estão



inseridos. Conversamos sobre a literatura e a leitura como ferramentas de ampliação de repertório de conhecimento para os estudantes.

Na segunda etapa realizamos uma observação do trabalho realizado pelas professoras, a escola determina dentro do calendário escolar anual as datas do projeto no qual é feito um rodízio entre as turmas dos anos iniciais e finais do ensino fundamental para ir à biblioteca para o momento literário.

Para que esse momento aconteça é feito todo um preparo, iniciando pela escolha do tema, seguido da leitura de livros com diversos contextos. Nesse momento são analisados o título, as ilustrações, a ficha catalográfica da obra, enfim, os textos passam por uma curadoria muito detalhada e rigorosa até ser selecionado. Após essas escolhas as professoras criam um painel provocativo, uma espécie de introdução a temática, onde é colocado objetos, desenhos, brinquedos textos e até mesmo trabalhos feitos pelos estudantes na entrada da biblioteca com o intuito de provocar a imaginação sobre qual tema será a contação de história e a reflexão, dentro da sala de leitura também são dispostos elementos disparadores que “conversam” com o que está na entrada.

Em seguida é feita a leitura da literatura selecionada, durante todo esse momento perguntas provocativas e intencionais são feitas pela contadora de história, estimulando os estudantes a pensarem e refletirem sobre o tema abordado, as professoras também usam outros recursos como músicas, poesias ou vídeos relacionados ao tema para ampliar o momento de sensibilização.

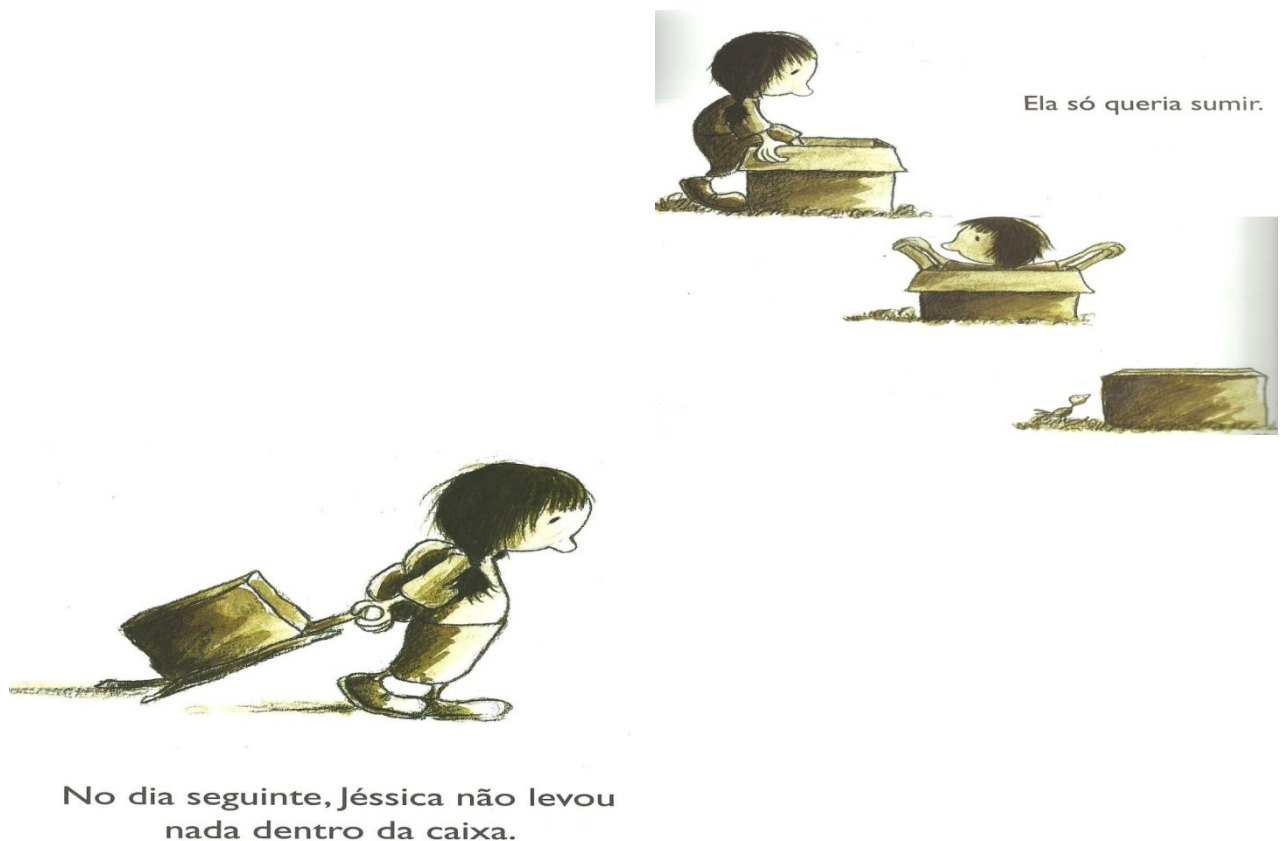
A terceira etapa foi a nossa abordagem, que seguiu a mesma metodologia das professoras supervisoras da biblioteca. Logo percebemos que a literatura selecionada abre possibilidades para além das interpretações previstas sobre Diversidade e Interculturalidade. Logo na entrada da biblioteca os estudantes questionavam-se sobre o tema dizendo: “será que é sobre racismo religioso?”, “será que é sobre intolerância religiosa?”, “é sobre respeito as religiões.”, e quando falamos sobre o tema e fizemos a leitura do texto “A caixa de Jéssica”, falamos sobre respeito, diversidade, alteridades, escolhas, relacionamentos com os pais e até mesmo sobre depressão.

Houve um momento em que um estudante público-alvo da educação especial manifestou sua opinião sobre a leitura e trouxe um aspecto que nós não tínhamos percebido. Ao finalizarmos a leitura e retomarmos a roda de conversa o estudante comentou algo surpreendente que não havíamos notado. Em determinado momento da história Jéssica não sabe o que fazer para se conectar com as outras crianças da escola e não leva nada na caixa, seu semblante pensativo a faz tomar a atitude de querer sumir. Neste sentido, enquanto



docentes, falamos sobre como é difícil conseguir adentrar em um lugar diferente e já ser acolhido, assim como alguém que as vezes se aproxima de nós com diferentes costumes, culturas e conhecimentos. Em complemento, esse estudante notou que neste ponto do livro, a ilustração de Jéssica recebeu uma cor diferente das páginas anteriores, e em seguida ela torna a ser colorida quando alguém a vê além de apenas uma menina excluída dentro de uma caixa.

Esse momento foi muito importante para a reflexão coletiva, pois em seguida a professora da biblioteca relatou que o estudante que fez o comentário acima citado, quase não participa das aulas na biblioteca, mas sempre traz impressões que elas também não haviam notado, ampliando as discussões. Baptista (2015) pondera que a escola é um ambiente de socialização que acolhe crianças com suas diferenças, expandindo suas relações familiares. Além disso, a escola tem a responsabilidade de educar todos os estudantes, incluindo os que são classificados com alguma deficiência. Um ambiente inclusivo permite que todos os estudantes, com suas particularidades, desenvolvam habilidades e competências, neste sentindo, a troca de conhecimento com os demais estudantes pode ser surpreendente.





CARNAVAS, Peter. A caixa de Jéssica. Edição: 1. ed. - São Paulo: FTD, 2010.

Para além do que as imagens nos trazem foi possível também conversarmos sobre os sentimentos que cada estudante internalizava naquele momento, ainda quando Jéssica entra na caixa falamos sobre o isolamento social, sobre depressão e desigualdade.

Durante essas propostas na biblioteca os professores de outros componentes curriculares fazem o acompanhamento das turmas, seguindo um cronograma elaborado pelas professoras da biblioteca. Enquanto estão na biblioteca todas as pessoas presentes são convidadas a participarem, opinarem e debaterem junto aos demais estudantes. Em dado momento, o professor de história que acompanhava a turma durante a intervenção se manifestou apresentando outro aspecto muito interessante. Este professor ponderou que os imigrantes, quando saem de sua terra natal em busca de uma vida melhor, também passam pelo que Jéssica passou, quando ao tentar se conectar com novos amigos de escola, se adaptar a um novo lugar. Neste momento, perguntamos aos estudantes quantos deles não eram naturais da cidade de Blumenau, e o resultado foi de aproximadamente 40% da turma de imigrantes e migrantes, filhos de venezuelanos, haitianos e também de outros estados brasileiros.

A partir deste momento os estudantes se sentiram motivados a contarem a respeito da fase de adaptação marcada não só por barreiras geográficas ou linguísticas, mas também por questões sociais, devido a cultura em que estavam inseridos, aos costumes e alimentação que são diferentes em cada região do Brasil. Neste ponto foi possível dialogar sobre Xenofobia, intolerância religiosa e racismo. O resultado dessa intervenção nos deixou felizes pois notamos que houve uma entrega pela parte dos estudantes e dos professores para compartilharmos histórias e vivências significativas naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O Componente Curricular de Ensino Religioso contribui para a continuação da formação de um ser consciente, pois sabemos que esse componente curricular é cercado por princípios, fundamentos e objetivos constitucionais que regulamentam a docência, assegurando o respeito a toda crença, convicção e formas de pensamento, dispensando toda e qualquer forma de proselitismo.

Tendo isso em vista, a docência em Ensino Religioso é um processo gradativo que pode proporcionar aos estudantes uma rica aprendizagem do mundo cotidiano, com um olhar curioso para os desdobramentos da construção cultural, social e religiosa da sociedade. Sendo assim, o Ensino Religioso visa a formação de cidadãos livres do preconceito, da discriminação e da intolerância.

A biblioteca desempenha o papel de ampliar o universo do conhecimento de outras realidades na vida do indivíduo e formar a consciência da amplitude do mundo em que vivem contribuindo na formação de cidadãos com a capacidade de compreensão e interpretação.

É por meio da literatura que conhecemos o desconhecido, por ela se abrem portas para novos mundos, fazendo com que nos tornemos cada vez mais criativos e cheios de imaginação. A literatura tem esse poder de despertar novas ideias e nos enriquecer culturalmente, sendo ela uma fonte de prazer inesgotável, que transforma o mundo e a sua realidade, de acordo com a sua própria visão.

Portanto, quando lemos, um mundo novo se descortina diante dos nossos olhos. A experiência que a leitura nos proporciona vai além do conhecimento intelectual. Ao ler, todos os nossos sentidos são aguçados, revelando um prazer singular. Os conhecimentos são descobertos, porque ler não é apenas decifrar sílabas, é dar sentidos às palavras, sentidos esses que excedem o intelecto, proporcionando significado às coisas mais profundas da nossa alma.

Assim, escola e biblioteca se completam, deixando evidente que a junção de espaços formais e não formais são indispensáveis para a formação integral do indivíduo, favorecendo o crescimento do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. et al. Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BLUMENAU (SC). Prefeitura Municipal. Currículo da Educação Básica do Sistema Municipal de Ensino de Blumenau (SC). Blumenau: SEMED, 2021.



BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

BRASIL. Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense. Florianópolis, SC: Governo do Estado, Secretaria de Estado da Educação, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Religioso. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMPELLO, Bernadete Santos; SILVA, Mônica do Amparo. A biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Presença Pedagógica, v.6, n.33, maio/jun, p. 62, 2000.

CARNAVAS, Peter. A caixa de Jéssica. Edição: 1. ed. - São Paulo: FTD, 2010.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. E-Mosaicos, V. 7, P. 3-25, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KOCH, Simone Risk. WICKERT, Tarcísio Alfonso. Diversidades, Interculturalidades e Direitos Humanos. Unidade 1, web aula 3.

MOREIRA, Joelma Lima; OLIVEIRA, Jussara de Fátima Alves Campos. A Educação em ambientes não escolares: um relato de experiência. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 22, nº 31, 23 de agosto de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/31/a-educacao-em-ambientes-nao-escolares-um-relato-de-experiencia>

SILVA, João Gabriel Silva; SANTOS, Reginaldo dos. Contribuições de um espaço não formal para a promoção de ensino escolar contextualizado e interdisciplinar à luz da BNCC. ACTIO: Docência em Ciências, v. 6, n. 1, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/12611> Acesso em 24 de out. 2024.

